

AS DIFERENTES VOZES DA CHARGE JORNALÍSTICA

Luiz Henrique Barbosa

Mestre em Literatura Brasileira pela UFMG e
professor da FCH-FUMEC

Sendo o esquecimento, a neutralização dum discurso impossíveis, mais vale trocar-lhes os pólos ideológicos. Ou então reificá-lo, torná-lo objeto de metalinguagem. Abre-se então o campo duma palavra nova, nascida das brechas do velho discurso, e solidária da-quele. Quer queiram, quer não, esses velhos discursos injetam toda a sua força de estereótipos na palavra que se contradiz, dinamizam-na. A intertextualidade fá-los assim financiar sua própria subversão. (Laurent Jenny)

Em seu editorial do dia 23 de abril de 2003, a *Folha de São Paulo* retoma o já longo debate sobre a imparcialidade da imprensa. Para a *Folha*, a guerra de Bush veio nos mostrar que ainda estamos distantes de conquistar uma imprensa questionadora, que não fique apenas centrada na condução de uma guerra e que indague sobre sua legitimidade. A onda de nacionalismo nos Estados Unidos, que foi reforçada a partir de setembro de 2001, atingiu o seu máximo com o conflito e acabou contaminando a imprensa americana. Os principais canais de TV do país torciam pela vitória dos americanos e poucos foram os jornais que tiveram a coragem de posicionar-se contra o ataque americano.

A discussão levantada pela *Folha* vem nos alertar sobre a necessidade da existência de diferentes vozes em um jornal. É a partir dos discursos divergentes que o leitor poderá se posicionar diante de uma determinada situação. Quando isso não ocorre, os textos jornalísticos se transformam em dogmas e os leitores em fanáticos seguidores. Assim, para evitar a falta de posições ideologicamente divergentes, os grandes jornais investem em seções que dão oportunidades a pensamentos diferentes de sua linha editorial. É o que acontece com a *Folha de São Paulo* na seção *Tendências e debates*. Consciente da necessidade de um jornal estimular o debate sobre problemas contemporâneos, a *Folha* abre espaço para vozes que muitas vezes não refletem a sua posição ideológica. A inclusão de várias vozes acaba por fazer com que o veículo tenha uma boa aceitação pelo leitor, já que a presença de idéias conflitantes o leva a perceber tal veículo como um órgão de informação que abre espaços para as diferentes opiniões.

Embora constatemos que a presença de vozes discordantes em um jornal possa se dar através da criação de seções destinadas aos textos opinativos, esta não é a única maneira de privilegiar o debate. A outra forma de se fazer isso é através das charges. Tentaremos defender aqui que as charges jornalísticas vão adotar como estratégia de com-

posição a polifonia e a intertextualidade, o que irá permitir o diálogo com outros textos produzidos pelo próprio jornal e dar oportunidade ao debate de vozes conflitantes em um mesmo discurso. Iremos caracterizar as charges, mostrar os signos utilizados para a sua composição e depois mostraremos que elas se compõem a partir de outros textos e de vozes discordantes, o que as transforma num texto que apresenta mais de uma visão ao leitor.

A IMAGEM-PALAVRA NAS CHARGES:

Mas poderíamos considerar as charges como um texto? A resposta será afirmativa se pensarmos na definição de texto que engloba signos visuais e verbais:

“texto”, em sentido lato, designa toda e qualquer manifestação da capacidade textual do ser humano, (quer se trate de um poema, quer de uma música, uma pintura, uma escultura etc), isto é, qualquer tipo de comunicação realizado através de um sistema de signos. (Fávero & Koch, 1988:25)

Esta definição de texto não irá deixar de fora as charges, que irão explorar tanto os signos verbais quanto os não-verbais. Embora não seja difícil encontrar uma charge construída apenas por signos visuais², o que mais encontramos é uma união entre os dois tipos de signos. Muitas vezes, o efeito cômico produzido pelas charges é conseguido através da conjunção entre desenho e palavra, como podemos constatar na charge número 1, ao lado. Se fossem retiradas todas as palavras dos quadros, todo o teor crítico apresentado pela charge estaria perdido.

O DIÁLOGO ENTRE TEXTOS

Edson Romualdo, em seu estudo sobre as charges jornalísticas do jornal Folha de São Paulo, mostra-nos que a intertextualidade é o principal processo de composição das charges. O termo intertextualidade foi proposto por Kristeva (1974:64) para designar o processo de composição textual que se dá a partir de referências e absorções de outros textos. No entanto, como afirma Romualdo, o conceito de intertextualidade pode apresentar nuances:

(...) trataremos do fenômeno intertextual seguindo duas perspectivas: 1) a intertextualidade como elemento necessário para a existência do próprio discurso; 2) a intertextualidade como relação existente entre textos “efetivamente” produzidos, ou seja, previamente existentes na cultura. (2000: 56)



Charge 1: Folha de S.Paulo, 16 de abril de 2003

Estas duas concepções de intertextualidade apontadas pelo estudioso estarão presentes nas charges de um jornal. Muitas vezes elas irão fazer referências aos textos da primeira página, outras vezes não remeterão a textos tão específicos assim. Elas irão dialogar com palavras que foram veiculadas pela mídia, por vários políticos etc. Aqui, o texto primeiro, elemento de composição da charge, já não terá, de forma tão nítida, as marcas de autoria.

A constatação de que todo texto se constrói a partir de um outro levou Bakhtin (1981) a afirmar que o escritor jamais se encontra diante de palavras “virgens”, ele está sempre diante de palavras habitadas por outras vozes. Mas, se é assim mesmo, se todo texto é intertextual, por que enfatizar a intertextualidade nas charges, o que a diferenciaria dos outros textos?

Todo produtor de texto sabe que incorporar texto de outros autores ao seu faz com que ele tenha maior credibilidade em relação

ao leitor, principalmente se o autor que citamos for renomado, tiver uma posição de destaque dentro da sociedade. Nosso poder de convencimento será maior se nossa voz estiver acompanhada pelas vozes de intelectuais de prestígio. No entanto, quando incorporamos outros discursos ao nosso texto, quase sempre o fazemos a partir de uma linha ideológica convergente. Citamos autores que defendem idéias comuns às nossas, o que faz com que nosso texto caminhe para uma unidade de sentido que apresente apenas uma visão. Não é este o processo intertextual adotado pelas charges. A sua composição abarcará vozes não convergentes, vozes que estão em constante tensão, impedindo sua redução a uma única visão. O texto das charges se caracterizam por adotarem, ao mesmo tempo, a intertextualidade e a polifonia.

A POLIFONIA

O termo *polifonia* foi utilizado por Bakhtin (1981) para caracterizar um dos aspectos da obra de Dostoiévski, que apresentava uma pluralidade de vozes em constante tensão. Diferente do romance monológico, guiado muitas vezes pela consciência do autor, o romance de Dostoiévski era constituído pela polifonia, ou seja, várias vozes que não podiam ser reduzidas a uma única visão habitavam o seu texto. Assim, podemos dizer que um romance é polifônico quando ele não apresenta uma posição fechada sobre um tema, quando apresenta vozes que o defendem e outras que o rejeitam sem, no entanto, deixar que uma voz seja mais forte que a outra; elas mantêm entre si uma relação de igualdade.

É a polifonia a principal característica das charges; elas “não se tornam monoplanares, pois elas não tem a intenção de promover uma única leitura, não abafam as várias visões em uma única. Sua força está justamente na ambivalência, na pluralidade de visões que apresentam para o leitor”(Romualdo, 2000:53).

A charge seguinte (número 2) nos mostra esta pluralidade de visão a que se refere Romualdo. A bomba “burra”, que mata civis, vem se contrapor à bomba “inteligente”, que atinge apenas os alvos militares. Embora o discurso dos americanos de que estão utilizando uma bomba que atinge apenas os alvos militares não esteja explícito na charge, ele irá dialogar com o discurso dos iraquianos, explícito na charge, que afirma o contrário. E, ao fazer isto, a charge constituir-se-á como um discurso crítico, que levará em conta o discurso dos americanos e também o dos iraquianos.



Charge 2: Folha de S.Paulo, 29 de março de 2003

CONCLUSÃO

Seguindo os passos de Romualdo, mostramos aqui que as charges se constituem como textos que possuem um enorme potencial crítico. Ao apresentar um discurso que não reduz o sentido a uma única visão, elas acabam por fazer com que o leitor veja as possíveis interpretações para determinado fato e tire suas próprias conclusões. Se os textos opinativos que encontramos nos jornais já são importantes por nos apresentarem, muitas vezes, uma visão diferente da linha editorial do jornal, as charges talvez sejam mais ainda, pois elas irão concentrar num único discurso diferentes vozes que estarão em tensão, deixando para o leitor a escolha, ou não, de uma delas.

NOTAS

- 1 CHARGE: Cartum cujo objetivo é a crítica humorística imediata de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza crítica.(...) O termo vem do francês, charge, “carga”. (RABAÇA & BARBOSA, 2002: 126)
- 2 CARTOON (cartum): Narrativa humorística, expressa através da caricatura e normalmente destinada à publicação em jornais e revistas. O cartum é uma anedota gráfica; seu objetivo é provocar o riso do leitor. (Idem: 112)

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- FÁVERO, Leonor Lopes; KOCH, Ingedore G. Villaça. *Linguística textual: introdução*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- JENNY, Laurent. A estratégia da forma. *Poétique*. Coimbra, n.27, p.5-49, 1979.
- KRISTEVA, Júlia. *Introdução à semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- RABAÇA, Carlos & BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicações*. Rio de Janeiro: Campus, 2002
- ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia. Um estudo de charges da Folha de S.Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.